



MESA-REDONDA EM HOMENAGEM
AOS 70 ANOS DE
JOSÉ GUILHERME MERQUIOR

14 de abril de 2011
Teatro R. Magalhães Jr.

COORDENAÇÃO GERAL
ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

COORDENAÇÃO
ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO

PARTICIPANTES
Acadêmicos
Eduardo Portella
Candido Mendes
Sergio Paulo Rouanet
Alberto da Costa e Silva
Celso Lafer



JOSÉ GUILHERME MERQUIOR

Quarto ocupante da Cadeira 36, eleito em 11 de março de 1982, na sucessão de Paulo Carneiro e recebido pelo Acadêmico Josué Montello em 11 de março de 1983.

José Guilherme Merquior nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 22 de abril de 1941 e faleceu no mesmo local em 7 de janeiro de 1991.

Apresentação^{*}

MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Caros amigos e amigas da Academia Brasileira de Letras, com uma palavra especial aos familiares e colegas de José Guilherme Merquior. Começamos a semana reverenciando José Lins do Rego; hoje a concluímos, honrando a memória e agradecendo a contribuição de José Guilherme Merquior. Ambos acadêmicos, ambos tão distintos na forma com que cuidaram do processo de criação.

Desejo destacar amigos fraternos de José Guilherme Merquior e ousar não ser preciso esse destaque. O Ministro Paulo Renato Santos e o escritor e editor José Mario Pereira são figuras emblemáticas; um e outro, amigos verdadeiros do homenageado. José Mário, aliás, foi um grande animador desta reunião de hoje.

Convivi com José Guilherme no Brasil e no exterior e guardo dele a sensação de que era uma enciclopédia. Não existia o *Google*, e ele era um *Google* ambulante. Mas não ficava só nisso. Era também um homem inclinado às amizades. Quem conviveu com ele apenas nos livros não tem a precisa ideia do que era como pessoa, afável, bem-humorado, contador e ouvinte de piadas.

* Palavras do Presidente na abertura da sessão em honra de José Guilherme Merquior, em 14 de abril de 2011.

A impressão que tenho, ao refletir sobre a trajetória infelizmente tão rápida de Merquior, é que seu relógio interior lhe cobrava pressa. Começou suas atividades ensaísticas com cerca de 18 anos. Aos 23, publicava o primeiro livro. Formado em Direito, ingressou no Itamaraty, onde cumpriu carreira velocíssima e admirada por todos os seus colegas. Era tão admirado que, naquela forma algo cruel, algo graciosa do Itamaraty em apelidar, o chamavam de Tesouro da Juventude.

Merquior procurou aprimorar os seus conhecimentos não apenas no Brasil: frequentou a London School, onde foi admirado a partir do diretor Darendoff, que disse, ao comentar a frequência com que Merquior buscava cursos de Pós-Graduação: “Não sei por que essa aflição. Custei mais a ensinar do que a aprender”.

Meu espaço é exíguo. Devo cedê-lo o mais breve possível aos debatedores e aos expositores de hoje, mas não posso omitir a alegria de recordar o momento em que Merquior, no alto das escadas da Biblioteca Nacional, fez, sem leitura, um discurso impressionante de análise crítica da vida e obra de Carlos Drummond de Andrade, no momento em que comemorávamos os 80 anos do poeta. Eu era, à época, Secretário Federal de Cultura, trilhando os caminhos inovadores que Eduardo Portella havia deixado no Ministério. Lembro disso com a mesma emoção com que me recordo de Raymond Aron sobre Merquior: “Esse menino já leu tudo”. Eu diria mais: o menino leu tudo, buscava tudo, tinha ideias críticas, e não apenas de assentimento, por isso ele foi um vigoroso e feroso polemista. Mas a ele não interessava discutir pessoas, mas ideias, como fez nos embates com Sergio Paulo Rouanet, Mário Vieira de Melo, Paulo Néelson Coutinho, Francisco de Oliveira, Artur Giannotti, na discussão da psicanálise.

Escritor de forma elegante, foi o primeiro, salvo engano, a trazer para o leitor brasileiro, em português, a obra da Escola de Frankfurt, num livro editado pela *Tempo Brasileiro*, grande editora que eu sempre sigo com especial atenção e carinho, porque se ela acolheu Merquior, também deixou espaço para pequenos autores, como eu.

Roberto Campos, quando da partida de José Guilherme Merquior aos 49 anos, no apogeu da sua produtividade, chegou a dizer que aquilo era um “cruel desperdício”, completando: “Deus faz dessas coisas: fabrica gênios e depois quebra o molde. Às vezes dá vontade de a gente, como no poema de Murilo Mendes, intimar o Criador a não repetir a piada da criação”. Esse é o caso de Merquior.

Não posso, por várias razões – mais objetivamente voltadas para questão do processo de criação –, deixar de mencionar que Gilberto Freyre, meu saudoso amigo, por quem tenho, como é sabido de todos, uma verdadeira veneração, era um entusiasta do saber e do modo do saber de José Guilherme Merquior. Muitas vezes me falou dele; muitas vezes o louvou na sua forma mais castiça.

Prometi não me alongar e não cumpri a promessa... Em tempo, porém, convido todos a escutar o que meus confrades têm a dizer e afianço que não será pouco.

Saudades de José Guilherme Merquior

EDUARDO PORTELLA

Completaria agora 70 anos o ensaísta maior que nos foi absurdamente sequestrado pelo destino há exatamente 20 anos. O seu nome – legenda, lição –, já se pode supor, é José Guilherme Merquior. Quando relemos, quando retomamos a sua interlocução, as datas se apagam para dar lugar à luminosidade da reflexão. Ele pensou antes, antes que os homens e as coisas adquirissem os seus contornos mais imprecisos, sob os auspícios do *soft power*. Pensou, munido do esclarecimento exemplar e desde aquele lugar onde se erguem as manifestações simbólicas. Por isso, quando retornamos a ele, saímos refortalecidos criticamente.

José Guilherme Merquior foi um crítico de ideias e de literatura. Ou, se preferirem, de literatura e de ideias, tanto faz. Nele, no seu texto vertical, pensamento e linguagem se implicam constitutivamente. A língua deixa de ser um mero instrumento de que se serve o argumento para se expressar, porque se amplia no conluio procriativo da palavra instada pela imaginação.

José Guilherme Merquior conviveu de igual para igual com as grandes correntes do pensamento contemporâneo. Fez e refez caminhos, através do magistério, cotidiano, sábio e íntegro. Decolou com o poema em uma mão e a razão na outra. Ainda sentimos falta dessa racionalidade aberta, tão mitigada

nos dias atuais, quando os arroubos retóricos se esforçam desinibidamente para substituir a compreensão crítica dos valores.

De José Guilherme Merquior, as Edições *Tempo Brasileiro* publicaram *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*, *A estética de Lévi-Strauss* e *Estruturalismo dos pobres*, bem como duas obras coletivas, uma *Teoria literária*, por mim coordenada e o volume *O homem e o discurso*, memorável entrevista realizada com o pensador Michel Foucault por ele e pelo nosso querido Sergio Paulo Rouanet. A revista *Tempo Brasileiro* sempre foi e é uma tribuna sua. Agora mesmo, no recente número 184, rendemos a nossa homenagem ao admirável colega. Aliás, do seu diálogo crítico com o estruturalismo francês vale lembrar o volume referencial *Michel Foucault ou o niilismo de cátedra*. Mas não ficou aí, porque ele percorreu todo o trajeto *De Praga a Paris*.

Já em Londres se fortalecerá a sua opção liberal, em fecunda articulação com Popper, Berling e Gellner. É quando se edita o seu lúcido *O marxismo ocidental*. Os ideólogos de plantão, a serviço da esquerda predatória, não lhe perdoaram. Até porque não há nada tão parecido com a direita quanto essa esquerda. Ambas preferiram substituir a razão pela exacerbação.

Temos de respeitar o liberalismo íntegro de Merquior. Disse isto recentemente a propósito de outro amigo, tão próximo do Brasil, o narrador Mario Vargas Llosa.

José Guilherme Merquior sempre foi o pensador antenado das ideias e das formas. A sua racionalidade sabia controlar o impulso repressivo, para se projetar como instância iluminadora. Tinha ele firme consciência de que a autocrítica é pré-requisito da crítica. E que, em caso contrário, a crítica não passará de emanações desarticuladas da subjetividade desequilibrada. Sabia, portanto, que a intuição sem habilitação termina sendo um mero salto no escuro.

Merquior, embora polêmico, era um intelectual generoso e convivencial. Competente nessa difícil arte de “viver com”, porque conviver não é senão “viver com”, ele só não se compôs com o sectarismo. E também com a psicanálise, gostando de repetir, acompanhado do seu bom humor habitual, e em alusão direta a Jacques Lacan, que estamos diante de uma “lacanagem”.

José Guilherme foi igualmente o ensaísta severo e sagaz, portador de um traço estilístico, para quem linguagem nunca seria um simples meio. E mais: que não se pode escrever literatura de fora da literatura. Com essa acuidade poética que vibra no *Verso e universo de Drummond*, ele escreveu a interpretação que continua sendo a mais importante obra já escrita sobre o poeta itabirano.

A nossa interlocução se estende pelo mundo afora. Em um longínquo dia em Paris, em encontro promovido pelo mestre Adonias Filho, combinamos de escrever juntos uma história da literatura brasileira. Ele se encarregaria da primeira parte, de Anchieta a Euclides, e a mim caberia a segunda, dali até os contemporâneos. Ao regressar, revendo as minhas anotações, percebi que a minha visão do período era, àquela altura, muito desfavorável. Precisava de tempo. Felizmente vim a renunciar a minha participação no projeto, o que se agravou com a progressiva intolerância que foi tomando conta de mim diante dos vícios do historicismo.

Limitei-me então a estimular Merquior a publicar a sua parte autônoma, que resultou no belo volume *De Anchieta a Euclides*, com algumas releituras inovadoras, entre as quais se destaca a de Machado de Assis. Muita gente fala de Machado de Assis nesse país, e sobretudo nesta Casa, mas pouca gente teve o que dizer de novo sobre Machado de Assis. José Guilherme teve e disse. Foi quando, ainda navegando contra a correnteza, e revendo as apologias de Sílvio Romero e José Veríssimo, afirmou enfaticamente: “Os nossos dois maiores críticos oitocentistas se chamam, na realidade, são Machado de Assis e Araripe Júnior.” Hoje, na esperança de que possa me escutar, diria eu: os dois maiores críticos do século XX, no que venho designando de circuito crítico do Rio de Janeiro, atendem pelo nome de Alceu Amoroso Lima e José Guilherme Merquior.

No México, convidou-me para a palestra inaugural do Setor Literatura, da Cátedra Guimarães Rosa, por ele criada na Universidade Autônoma do México.

Sobre a Escola de Frankfurt, nos entendemos e nos desentendemos. O seu livro sobre esses pensadores, talvez antes marxianos do que marxistas, foi pioneiro.

Com o passar do tempo, o sotaque heideggeriano começou a incomodá-lo. Não foi a primeira vez a ocorrer essa desolação previsível. Ele me chamou, entre fraterno e polido, como costumava ser, para me dizer que já não participava do meu compromisso hermenêutico. Respondi-lhe, dentro da mesma civilidade que caracterizava a nossa interlocução, que entendia, porém considerava mais difícil compreender Frankfurt sem passar por Heidegger. Sem ancorar ou se reabastecer no pensador da Floresta Negra, a dialética negativa ou a crítica da razão instrumental, ou ainda a crítica da ideologia dominante, ficaria mais distante. O próprio Herbert Marcuse, o guru de 68, fez o doutorado com o pensador de *O ser e o tempo*, sobre a *Ontologia de Hegel*, vindo a ser seu assistente na cátedra.

Voltamos a nos encontrar assiduamente no Rio de Janeiro, em Brasília e em Paris. Mantivemos correspondência ininterrupta. Em Paris, em missão da Unesco, pude vê-lo de perto no exercício do cargo de Embaixador do Brasil. Assisti até os seus últimos dias a representação superlativa de alguém que conhecia, por dentro, os campos operacionais daquela instituição das Nações Unidas: educação, ciência e cultura.

Certa vez, movido por um intervalo lúdico, José Guilherme escreveu um livro muito do meu agrado intitulado *Saudades do carnaval*. Agora, só nos cabe, nesta reunião quase familiar, homologada por Hilda e Julinha, manifestar, com razão e emoção, saudades de José Guilherme Merquior.

José Guilherme Merquior – 70 anos

CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA

Uma das marcas da maturidade de uma cultura é o pudor ou a resistência em reconhecer-se a genialidade de um pensador. Entendo que esta responde, com todos os seus predicamentais, ao perfil de José Guilherme Merquior.

Valéry dizia que o gênio é quem sabe redescobrir a verdade dentro do óbvio. Queria, entre tantas, salientar três conotações pelas quais Merquior configurou a nossa vida do espírito. E, de saída, a marcar este *étbos* da consciência amadurecida, a dar-nos o cânone da nossa própria temporalidade interior, superando as dialéticas fáceis entre o moderno e, de fato, o pós-moderno. E fico feliz de que Celso Lafer já tenha ressaltado outros desses momentos-limite da reflexão de Merquior. Regis Debray ainda nos lembrava, há pouco tempo, que “uma cultura maior, ou decantada, é a que se apossa de exemplos agonísticos de enfrentamento da morte”.

Na devolução ao concreto desse seu “ser no mundo”, devemos a José Guilherme a ruptura com o nosso simulacro de seriedade em que, via de regra, nos desligamos do referencial de citações, nos acomodamos a uma convenção sonâmbula de ditos anônimos do pseudo diálogo brasileiro, na tradição de uma subcultura consentida.

Merquior na ida às fontes, na conferência da alegoria, eliminou o ninho quente das ditas intuições geniais, no solipsismo empertigado da nossa conversação.

Seu aluvião crítico percorria o dito grande pensamento da modernidade, nas formas canhestras em que acolhemos o marxismo e, mais ainda, o pós-estruturalismo. Ouvir do próprio Lévi-Strauss, a que reconhecera o pensador brasileiro, talvez, como seu crítico mais profundo. E é no mesmo bordão que denunciou a nossa psicanálise, reclamando por uma fenomenologia do nosso inconsciente coletivo. Mas, sobretudo, há que atentar à sobredeterminação do pensamento de José Guilherme, ao abrir caminho, além da razão crítica, para o *éthos* do caminho intelectual e, nele, à contumaz e benfazeja pedagogia da intolerância.

Quem se esquecerá da palavra-vergaste com que estigmatizava a burrice pretensiosa. Ia ao inglês, na força das suas tônicas, para estigmatizar o insuportável como o *rubbish*, na laceração de todo seu exclamativo. Delineava-se, de vez, por aí, e com toda ênfase, uma distância irremovível com todas as retóricas das ditas pós-modernidades. Este é o José Guilherme da linha de ponta de Ernest Gellner, que traz o discurso e o seu *logos* à escala do processo histórico e, nele, à expressão heideggeriana, da dialética do real concreto.

O salto, de vez, da modernidade para a pós-modernidade impunha pelo cânone epistemológico da desconstrução. Mas, no claro passo adiante do pensador brasileiro, no *vis-à-vis* com Foucault, Marcuse ou Derrida, José Guilherme antecipa Giorgio Agamben, no contrapor todo facilitário desta metodologia ao autoesclarecimento, que irrompe no seio da obra, e que é alvíssara do seu sentido. Desde *A razão do poema*, nosso pensador vai a este veio, continuado em outro de seus livros seminais, que é *O véu e a máscara*, para encontrar – e voltamos a Heidegger – da facticidade do texto e, por aí, do seu conhecer.

Devemos, por aí, pioneiramente a José Guilherme a capacidade de sair da crítica da ideologia para a teoria da cultura. Nem por outro caminho – vai à hermenêutica – e ainda ao Heidegger dos *Caminhos do bosque* para o alerta da razão aberta, a fugir a todo jogo dogmático, em bem de uma história em processo.

Na luta contra a morte, exatamente vivida na exemplaridade de uma situação-limite, Merquior emprestou-lhe um *éthos* e uma assunção, a mesma que no quadro clássico da nossa genialidade literária, foi à sanção dos suicídios, de Raul Pompeia ou o de Pedro Nava, neste cânon da liberdade, extremado na sua lucidez.

É exatamente o oposto o caminho de José Guilherme, na operacionalidade fabril e atlética, no viver a finitude do instante, quase ciclópica, no agendamento do dia seguinte. Foi o que vi em Bordeaux como em Florença, no código de todos os amigos, de não lhe pedir jamais notícias da saúde nem, sobretudo, repetir-lhes as tranquilidades ingênuas dos votos de melhora.

A partilha entre o silêncio e a azáfama desses dias era a do recado final: o de não dar à morte qualquer desguardo de vigília e, sim, no cotidiano de alertas e de redescobertas, plantar uma contemplação já fincada na eternidade.

José Guilherme Merquior

SERGIO PAULO ROUANET

Em 4 de outubro 2001, a Academia realizou, sob a presidência de Tarcísio Padilha, uma mesa-redonda sobre José Guilherme Merquior. Participaram Antonio Gomes Penna (uma espécie de pai espiritual de Merquior), o escritor Leandro Konder, seu amigo dileto, e o editor José Mario Pereira, um dos seus admiradores mais incondicionais. Participaram também duas pessoas que estão novamente presentes no encontro de hoje: Eduardo Portella, figura tão universal quanto José Guilherme, e eu próprio.

Nesse homem que foi tantas coisas, qual o lado de José Guilherme que deve ser destacado, dez anos depois?

O amigo? Talvez. Eu estava nos Estados Unidos quando José Guilherme começou a publicar artigos no suplemento literário do *Jornal do Brasil*, na ocasião dirigido pelo Reynaldo Jardim. Escrevia coisas sapientíssimas, que eu achava que deviam ser de um sujeito pelo menos da minha idade – eu estaria no final dos meus 20 anos. Quando fui visitá-lo, no Rio, a porta foi aberta por um garoto, que eu achei que era o filho de Merquior, mas era o próprio Merquior. A partir desse momento nasceu uma amizade, absolutamente não perturbada por nada, inclusive não perturbada pelos nossos frequentes desacordos, em conversas e por escrito.

As vicissitudes de nossa carreira diplomática impediam que nos víssemos com a frequência desejada, mas cada vez que nos encontrávamos era como se só tivéssemos nos separado na véspera. E retomávamos nossa interminável conversa, sobre pessoas e ideias. Quando um de nós descobria um livro ou um autor novo, comunicava na mesma hora essa descoberta ao outro, com a animação de colegiais. Mas em geral era José Guilherme que fazia esse papel de desbravador. Lembro-me até hoje da excitação com que ele me recomendou a leitura do livro de Lucien Sebag, *Estruturalismo e marxismo*. Eu também fiquei fascinado pelo livro de Sebag (se não me engano, genro de Lacan), e foi por intermédio dele que entramos no novo paradigma que parecia estar se abrindo, o estruturalista. Merquior levou muito mais longe esse encantamento, pois escreveu sobre a linguística pós-saussuriana e sobre a antropologia estrutural. Foi autor de um admirável ensaio sobre a estética de Lévi-Strauss, lido e elogiado pelo mestre em pessoa. Époça inocente, essa em que tomávamos partido, aos berros, em bistrôs parisienses, a favor da diacronia, como Sartre, ou da sincronia, como Lévi-Strauss, com a mesma paixão com que jansenistas e molinistas discutiam, séculos antes, no café Procope, sobre a graça e a predestinação!

E Walter Benjamin, sobre quem ele e eu escrevemos nos anos subsequentes, quem, se não José Guilherme, foi quem primeiro me chamou atenção para a importância desse pensador?

Fiel a seu papel de descobridor de novidades, José Guilherme telefonou-me uma vez (eu estava em Genebra e ele em Bonn) para me falar sobre um certo Jürgen Habermas, que, apesar de filiar-se à chamada Escola de Frankfurt, estava trabalhando numa teoria audaciosamente pós-marxista. O diabo é que esse jovem filósofo só escrevia em alemão e na época não tinha sido traduzido nem em francês nem em inglês, as duas línguas canônicas do intelectual brasileiro. Felizmente o problema não era insolúvel: já existiam excelentes traduções italianas. Foi assim que pude tomar conhecimento das primeiras obras de Habermas. Depois aprendi alemão, graças a Barbara Freitag, a melhor intérprete entre nós da teoria da ação comunicativa. Mas confesso que até hoje, lendo Habermas

no original, sinto saudades da época em que o árido filósofo alemão se exprimia no mais suave e mais puro dialeto florentino.

Em seu papel de amigo, Merquior ignorava barreiras políticas ou ideológicas. Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho eram seus amigos fraternos, e em nenhum momento ele deixou de vê-los e ser visto com eles, seja no Brasil, seja na Alemanha, na França ou na Inglaterra, apesar de sua condição de diplomata, e isso no auge da repressão. Participei de um almoço, em Londres, em que José Guilherme recebia em sua residência o então arqui-inimigo do regime, o jornalista Hermano Alves.

Ou quem sabe se o lado a ser destacado seria o do erudito? Uma resposta positiva não seria descabida. Se eu não tivesse receio de ser desmoralizado pelo espírito de Merquior com uma gargalhada devastadora, eu arriscaria a afirmação acaciana de que em seu saber enciclopédico ele era um dos derradeiros homens da Renascença. Ele escrevia superiormente sobre tudo, da filosofia à literatura, da teoria política de Locke ao falsificacionismo de Popper. Eu explorava essa erudição, sem nenhum complexo. Uma vez tentei localizar sem sucesso uma citação de Diderot feita por Machado de Assis e fui obrigado a consultar Merquior, já muito doente. Ele deu uma risada e respondeu: “é uma citação do *Salon* de 1767”. E para completar minha humilhação, concluiu: “é claro!”

Mas, pensando tudo, creio que foi como polemista que Merquior se tornou mais conhecido. Certamente ele cometeu injustiças, como todos os batalhadores de ideias. Foi um profeta bíblico, da mesma linhagem que Voltaire, Victor Hugo e Leon Bloy, e seus raios nem sempre fulminavam as pessoas certas. Indulgente e generoso com as pessoas, era intransigente na defesa da verdade, em que acreditava profundamente. Pois esse liberal era tudo, menos um relativista. Era justamente por crer na verdade que ele era liberal, pois para ele só o jogo cruzado de argumentos e contra-argumentos poderia aproximar da verdade os interlocutores, e por isso ele podia fazer suas as palavras atribuídas a Voltaire: “não concordo com uma só palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte vosso direito de dizê-las”.

Sim, é sob o signo da polêmica que o pensamento de Merquior pode ser mais bem compreendido. Ele polemizou com Marilena Chauí, com Paulo Francis, com Meira Pena. Eu próprio fui uma vítima do talento combativo de José Guilherme, a propósito de Michel Foucault.

Passados muitos anos, estou hoje convencido de que eu estava completamente errado e que José Guilherme estava inteiramente certo nas opiniões sobre Foucault. Realmente, para me preparar para nossa mesa-redonda, fui reler um pouco o que nós escrevemos sobre Foucault e cheguei à conclusão de que hoje em dia eu concordaria em quase tudo com José Guilherme. Na época, a questão era saber em que medida Foucault poderia ser considerado um filósofo irracionalista, na linha de Nietzsche, de Heidegger, de Derrida, de Deleuze, do chamado pós-estruturalismo francês. Eu contestava essa designação de Foucault como filósofo irracionalista. Eu dizia, ao contrário, que Foucault era um filósofo iluminista, só que de um Iluminismo bastante especial. Uma das características do Iluminismo é a de crítica permanente. Como Foucault é permanentemente crítico, *ergo*, Foucault deve ser considerado um filósofo iluminista. E Merquior, com toda razão, achou de um simplismo absolutamente assustador esse tipo de equação de pensamento crítico com o Iluminismo. Hoje nós sabemos que existem várias críticas, que existem críticas niilistas e críticas construtivas, que existem críticas de direita e críticas de esquerda. E certamente o tipo de crítica feito por Foucault não poderia ser considerada uma crítica iluminista, nesse sentido de fé na razão, no progresso, na liberação, uma crítica emancipatória.

Entre os últimos artigos que escrevi no curso dessa polêmica, há um com um fecho de ouro de que eu me orgulhava muito. Era uma citação de Ernst Bloch, em que ele dizia que o marxismo tem duas correntes: uma quente e outra fria. A corrente quente é dedicada ao desvendamento dos possíveis embutidos no presente, aquele marxismo que tenta desprender virtualidades emancipatórias contidas na realidade repressiva, ao passo que a corrente fria era aquela corrente glacial, objetiva, mas que presta a função necessária de desmistificar as ilusões e de tentar, sobre os destroços de ilusões destruídas, construir caminhos que levem a Humanidade à sua utopia. Eu achava que

tinha terminado de uma maneira fulgurante essa minha contribuição. Para meu desapontamento, a resposta de José Guilherme foi devastadora. Depois de me ter demolido, com bastante competência, durante vários parágrafos, ele termina com esse *gran finale*: “Quanto a essa questão de corrente fria do marxismo e corrente quente do marxismo, eu sempre achei que isso era um marxismo de torneira.” Eu tinha me esquecido desta frase. Eu esqueci porque o meu ego não ficou exatamente afagado com esse ataque do José Guilherme. Mas agora li e reli muito e achei que ele tinha razão. Realmente, essa conversa de corrente fria e de corrente quente é “marxismo de torneira”. Eu gostaria de poder dizer isso a ele, mas sua ausência torna a comunicação impossível. Mas José Guilherme era um polemista tão incorrigível, que talvez, só para continuar a polêmica, ele mudasse de posição quanto a essa versão, digamos assim, hidráulica, do marxismo.

Despersonalizando um pouco o tema, exatamente contra o quê Merquior polemizava?

Numa passagem de *As ideias e as formas*, ele se pergunta: “É possível atacar o marxismo, a psicanálise e a arte de vanguarda sem ser reacionário em política, ciências humanas e estética?”

A resposta de Merquior é evidentemente afirmativa, dizendo que o pensamento dele era estruturado por uma reflexão, primeiro, sobre a política, segundo, sobre o homem, e terceiro, sobre a arte. Nessa reflexão o autor tomava partido pelo progresso e pela modernidade e nessa tomada de partido rejeitava o marxismo, o freudismo e o formalismo estético. Ele conduzia, portanto, uma tríplice polêmica: um ataque dirigido ao marxismo e apontando como solução o liberalismo; outro dirigido à psicanálise e apontando como solução uma psicologia mais “científica”; e outro dirigido aos vanguardismos formalistas, aos modismos “galo-estruturalistas”, como dizia Merquior, referindo-se à poética contemporânea que partia de Mallarmé e que chegava a Barthes e outros papas da nova estética europeia. O que Merquior tentou fazer foi sustentar essa tríplice polêmica em nome de uma visão progressista, não engessada por uma rigidez ideológica qualquer, e não no sentido reacionário, a serviço do tradicionalismo.

Primeiro, o antimarxismo de Merquior não era isento de um grande respeito intelectual pelo próprio Marx. Era do chamado marxismo ocidental que ele não gostava. Apesar de ter se encantado, na juventude, por autores como Walter Benjamin e os adeptos da Escola de Frankfurt – Adorno, Horkheimer e Marcuse –, à medida que ia amadurecendo, ele ia se distanciando cada vez mais dessa corrente de pensamento. O marxismo clássico pelo menos tinha o mérito de ter respeitado o progresso, a ciência e a razão, ao passo que o marxismo ocidental procurava, ao contrário, desacreditar a razão, demolir a ciência e substituir a crítica da cultura marxista clássica, que de alguma maneira estava atrelada a uma certa visão de futuro, por uma crítica obscurantista, irracionalista, cuja função era desmoralizar a ciência e desacreditar a razão. Isto Merquior não suportava. Ele achava, portanto, que o marxismo ocidental não era outra coisa senão um capítulo dessa longa e interminável patologia da razão ocidental, chamada irracionalismo.

O antídoto para esse desastre seria o liberalismo. Mas é preciso entender que o liberalismo de José Guilherme Merquior não era o liberalismo dos neoliberais, era o liberalismo clássico, o liberalismo do século XIX. Portanto, não era sinônimo de economia de mercado. Merquior achava que a economia de mercado era necessária, mas sabia que o verdadeiro liberalismo tinha um componente político, o respeito à democracia e aos direitos humanos, e que seria uma falsificação reduzi-lo à defesa da economia de mercado, como aconteceu no Chile de Pinochet e no Brasil do tempo da ditadura militar. A visão do liberalismo de Merquior era completamente diferente. Seu liberalismo era inseparável de uma visão de igualdade e de justiça social. Ele achava que o liberalismo não podia se reduzir à liberdade, mas deveria também incluir um componente igualitário. Esta é uma ideia que se encontra também em Celso Lafer, que diz: “Se hoje a linguagem do neoliberalismo é o liberalismo da economia de mercado, o liberalismo a isso não se reduz.” Ele afirma isso comentando o livro de José Guilherme Merquior sobre o liberalismo.

Segundo, Merquior era um adversário ferrenho da psicanálise, e nisso nós tínhamos posições diferentes. Seu antifreudismo partia de uma defesa intransigente da Razão e do Iluminismo. Ele achava que o freudismo de alguma

maneira era solidário de uma visão irracionalista, que ele e eu combatíamos. Só que para mim o freudismo não era um irracionalismo, mas o contrário, porque era um herdeiro direto do pensamento iluminista do século XVIII. Merquior achava que o freudismo tentava colocar em questão o primado da inteligência, a conquista mais alta da Razão ocidental. A razão para ele era o mais alto atributo do homem. Ela podia e devia ser usada para varrer a noite, como faz Sarastro na *Flauta mágica*, e não é ela própria vulnerável às investidas da obscuridade. A ideia de uma razão possessa, que, parecendo lúcida, está a serviço do delírio, era profundamente alheia a Merquior. Por isso ele evitava usar o conceito marxista de ideologia, falsa razão a serviço do poder, e rejeitava com todas as suas forças o conceito de racionalização, pela qual o sujeito mente sem saber que está mentindo. A grandeza e a dignidade do homem estão em sua consciência, e a hipótese de que grande parte da vida psíquica do indivíduo se desse no inconsciente era, para Merquior, um escândalo intolerável. Era isto que estava na raiz do seu visceral antifreudismo.

Nunca chegamos a um acordo sobre isso. Limito-me a dizer aqui que foi justamente por fidelidade ao ideal iluminista da razão que Freud tentou ajudar o homem a chegar à maturidade intelectual, no sentido de Kant, a superar seu infantilismo, que o submete a tutelas heterônomas, e que é a esse *têlos*, o *têlos* da conquista da razão, que tende todo o projeto freudiano: *Wo es war, soll ich werden*, isto é, onde havia o irracional, que passe a prevalecer o racional.

O terceiro bloco dessa ofensiva dirigida por Merquior contra os inimigos do espírito, os inimigos da Razão, seria o formalismo estético. Diz ele: “A vanguarda é uma forma extrema de arte pela arte, e nisso é herdeira do Romantismo. Mas ao passo que românticos como Shelley, Lamartine e Hugo acreditavam no progresso, os modernistas são socialmente reacionários. É o caso de Yeats, Eliot e Pound.” Merquior parte do paradoxo de que o Modernismo é na verdade antimoderno. O Modernismo está num polo e a Modernidade está no outro, as características do Modernismo estético estão numa relação antitética com a Modernidade. É um movimento que, chamando-se embora modernista, está numa relação antagônica com a Modernidade. É dessa relação antinômica de Modernismo e Modernidade que

Merquior parte para montar seu libelo contra as vanguardas formalistas e, por extensão, contra os intelectuais fabricantes de modismos estéticos: “O que esses profetas do Apocalipse desejam é exercer a ditadura das ideias, uma grafocracia antimoderna da qual a seita vanguardista é a manifestação mais acabada.”

A unidade da obra de Merquior, uma vez feitas essas pinceladas extremamente velozes sobre os três grandes blocos da sua crítica, aparece agora com muita clareza. Cada um dos três blocos temáticos é um grande *plaidoyer* a favor da Razão e da Modernidade: o marxismo é retrógrado, porque tenta destruir o mundo moderno por uma utopia do século XIX, e é antirracional, porque se ossificou num dogma; o freudismo é retrógrado porque deslegitima a sociedade moderna, dizendo que ela se funda na repressão, e é antirracional, porque sabota o primado da vida consciente; o vanguardismo estético, o crítico e o filosófico são retrógrados, porque contestam a Modernidade industrial e científica, e antirracional, porque colocam a sensibilidade, a paixão e a intuição num plano superior à inteligência.

A título de conclusão, gostaria de fazer o que os escolásticos chamavam *experimentum mentis* – uma experiência mental. Como veria Merquior, se estivesse vivo hoje, a paisagem cultural contemporânea? A resposta parece fácil. Seus três “inimigos” estão derrotados. A História sepultou o marxismo sob os escombros de um muro. O behaviorismo skinneriano e as neurociências refutaram, ao que parece, a psicanálise. E o Pós-Modernismo decretou o fim das vanguardas estéticas. *La guerre est finie*. A guerra terminou, e Merquior está no campo dos vencedores. Ele estaria feliz se ressuscitasse. Ou não estaria? Talvez não.

O que ele não aceitava no marxismo era o dogmatismo. Mas não é o liberalismo, agora, que é dogmático, com a sua afirmação arrogante de que não há mais alternativas ao capitalismo global? O que ele detestava na psicanálise era a sua pretensão de ver em toda a parte conflitos infantis inconscientes. Mas estaria ele disposto a aceitar o biologismo contemporâneo, que substitui o determinismo psíquico pelo determinismo do genoma e que em vez de atribuir a genialidade de Leonardo da Vinci a uma fantasia de infância

prefere atribuí-la a uma proteína? Merquior se distanciava das vanguardas, mas não sentiria saudades delas se viesse a se defrontar, hoje, com a literatura pós-colonial, ou com certos *gender studies*? Estaria ele feliz com as intermináveis “desconstruções” empreendidas pelos Departamentos de Inglês das universidades americanas, com os *cultural studies* que destronam os cânones hegemônicos apenas para colocar em seu lugar um enxame de mediocridades politicamente corretas?

Acho que não. Merquior não se arrependeria, hoje, de ter criticado o marxismo, a psicanálise e a vanguarda. Não defenderia hoje, de uma maneira incondicional, nem Marx, nem Freud e nem Joyce. Mas, graças à sua verve, à sua cultura e à sua combatividade, teria contribuído para que não sentíssemos tanta falta desses três grandes artífices daquela modernidade que ele tanto admirava.

José Guilherme Merquior

ALBERTO DA COSTA E SILVA

Quem abriu a porta a Sergio Paulo Rouanet naquele dia, num Rio de Janeiro que já vai longe, foi um menino que eu também conheci, um menino com 20 e poucos anos de idade, ou, melhor, um adolescente – um adolescente liricamente adolescente, inquieto, impetuoso, desabusado, mas liricamente adolescente. E aquele homem de quem me despedi para sempre, quando ele tinha apenas 49 anos, e que chegou a usar um passa-piolho, uma barbicha para parecer mais velho, e ficou parecendo ainda mais jovem, continuava a ser um adolescente, continuava a ter cara e jeito de criança, do mesmo modo que continuava a compreender o exercício da inteligência como diálogo, controvérsia e debate.

Era um racionalista, desde os primeiros artigos que escreveu na imprensa carioca. Inimigo do indizível que então frequentava a nossa poesia e a nossa crítica, desconfiado das transcendências, adversário do esteticismo, sem jamais render-se, nas palavras dele, “ao ininteligível por declarar infável a essência de toda realidade”. Era no início o que foi no fim, com uma coerência extraordinária de vida e pensamento, apesar das mudanças nas nuances de seu percurso pessoal. No José Guilherme do fim da vida já estava o José Guilherme do seu primeiro livro, confirmando a minha impressão de que todo

primeiro livro é como o impulso do corredor quando ouve o tiro da partida. A essência do que ele iria produzir está nesse impulso inicial, de que depende a velocidade da corrida. Merquior começava a sua carreira como leitor de poesia, um leitor de poesia extraordinário, porque ia buscar nos poemas o que outras pessoas não percebiam. Aqui já se falou do “Poema do lá”, que é o seu belo e instigante ensaio sobre a “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias. Quero lembrar um outro texto, aquele onde, que eu saiba, pela primeira vez, se chama a atenção para a sensualidade extrema, para o eroticismo que há na poesia de João Cabral de Melo Neto, sobretudo na poesia de *Quaderna*.

Já se disse aqui que José Guilherme era um leitor voraz, que parecia ter lido tudo. Era sobretudo um leitor veloz. Nunca vi ninguém ler tão depressa. Ele percorria cinco páginas, enquanto nós não tínhamos terminado a primeira, e tinha uma memória incomum. Ele lia lembrando leituras anteriores, e o que lia ficava para sempre em seu espírito. Sua curiosidade não se esgotava. Quando ele vivia em Londres, eu costumava encomendar-lhe livros sobre história da África lá publicados. Ele me mandava esses livros, geralmente com um bilheteinho, quando não escrevia na própria guarda do livro uma pequena carta, em que dizia assim: “Olha, estou te mandando este livro com atraso, porque quis lê-lo antes de te enviar.” Um exemplo: em *Technology, Tradition and the State in Africa*, de Jack Goody, que é um livro fundamental dos estudos sociológicos sobre a África; ele escreveu, em 1975, que tinha tardado para me remeter o volume, porque passara o fim de semana a lê-lo. E acrescentava: “Este livro suscita problemas do maior realce até mesmo em termos de pura teoria sociológica, minha cachaça nestes últimos, e pelos próximos 50 anos.” Como se vê, ele nos prometia, ou pelo menos me prometia, 50 anos de pensamento e criação, que ficaram reduzidos, para nosso prejuízo, a apenas 16, ou a um terço da promessa, de tal modo que ainda hoje guardo a impressão de que ele me faltou com a palavra dada.

Tinha preparado várias coisas para dizer sobre obras como *Western Marxism*, *O véu e a máscara*, *O Liberalismo: antigo e moderno*, mas sobre tudo isso já se falou, e com propriedade, clareza, precisão e brilho. Vou referir-me, então, a um José Guilherme até agora esquecido: o crítico de arte, o estudioso da pintura

que escreveu algumas páginas fulgurantes e talvez definitivas sobre Poussin e sobre o Classicismo francês, sobre a importância do desenho em Poussin, sobre a importância do azul em Poussin, um azul que animava o enredo de suas telas. Para José Guilherme, não se podia apreciar intimamente uma pintura do século XVIII, ou do século XVI, ou do século XV, ou do século XIV, sem entender o seu enredo, sem se procurar saber o que o quadro ou o afresco procuraram contar e dizer. Afirmava Merquior: “Não há obra de arte, verdadeiramente obra de arte, que não diga alguma coisa”. À obra de arte não bastava ser: ela tinha de significar. Lembro bem do seu fascínio, dele e meu, por Erwin Panofsky, e pelos estudos de iconologia. E de como eles eram importantes para José Guilherme, para, digamos assim, desqualificar o formalismo enquanto formalismo. Recordo também um ensaio seu precioso, intitulado “*Kitsch e antikitsch*”, uma das melhores análises que conheço do que representa o *kitsch* na cultura moderna e da tentação para responder ao *kitsch* com o *kitsch*.

José Guilherme Merquior tinha para a pintura o olhar de poeta, o olhar de leitor de poesia. E foi com esse olhar que ele se deu a tudo, às teorias das ideias e até mesmo às tentações da política. Ele lia o mundo como lia poesia e, muitas vezes, falou-me de uma grande obra para a qual se preparava. Sua ambição era escrever uma teoria sociológica da criação, em que se tornassem mais compreensíveis as relações entre o ato criador e o poder, entre a política e a arte, entre o ser e o dever ser. Ficou a dever-nos a obra com que sonhava, porque a vida lhe foi pouca, mas dele guardo, mais que a lembrança, a saudade da inteligência mais fulgurante que conheci na vida.

Recordando Merquior

CELSO LAFER

“**G**raças à amizade os ausentes são presentes” e “os mortos vivem: vivem na honra, na memória, na dor dos amigos”. Foi o que apontou Cícero escrevendo sobre a especificidade da grande experiência humana da amizade. E é o que me vem à mente ao recordar o percurso do meu querido amigo José Guilherme Merquior, neste ano de 2011, que assinala, com esta mesa-redonda na ABL, da qual foi um membro eminente, o 20.º aniversário do seu prematuro falecimento, na antevéspera de completar 50 anos.

José Guilherme foi a mais completa personalidade intelectual da minha geração. Integrou com brio e enorme talento a República das Letras, nacional e internacional, tendo-se destacado por uma bem-sucedida, criativa e instigante mediação entre a crítica literária e a crítica das ideias.

Sabia ler e interpretar, com finura analítica e imaginação crítica, poesia e ficção. Na sua *doxa* literária tinha a clara percepção de que a autonomia da arte não pode perder-se na autarquia do estético. O seu ensaio de 1964 sobre a “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias deu, desde logo, a medida da larga bitola de sua vocação de crítico literário. Mostrou que este famoso poema da saudade escrito em Coimbra foi bem sucedido esteticamente por ser, sem adjetivos e graças à tonalidade do texto e das palavras, uma grande expressão do valor da terra natal.

“O Brasil, na ‘Canção do Exílio’, não é **isso** nem **aquilo**, o Brasil é sempre **mais**”, observou Merquior. Nos versos simples desse sentimento popular captado pelo engenho do romantismo de Gonçalves Dias, projetou José Guilherme, com a orteguiana sensibilidade compartilhada da nossa geração, o amor-vontade da construção de um Brasil **amável** – tema que se tornou uma das facetas do seu percurso.

José Guilherme, movido e animado pelo potencial de entendimento oferecido pela razão, sabia expor, discutir e propor ideias sobre sociedade, política e cultura. No uso público da razão teve presente no horizonte de suas preocupações os desafios do Brasil, um “Outro Ocidente” a ser aprimorado e completado por obra do amor-vontade que projetou na sua análise de Gonçalves Dias. Aplicava, no estudo da vida do cotidiano, o preceito socrático de que uma existência não examinada não vale a pena ser vivida. Na modulação e encaminhamento dos problemas da modernidade no Brasil e no mundo estava mais à vontade com a maçã de Newton, que leva ao conhecimento, do que com o simbolismo milenarista da maçã de Adão no paraíso. Entendia que “Nenhuma crítica do poder possui o direito de absolutizar o poder da crítica. Do contrário se marcha em linha reta para a supressão da liberdade em nome da libertação.”

No plano da razão vital, José Guilherme integrava a família dos grandes carnívoros. A sua curiosidade intelectual era infundável. Estava, para recorrer a uma analogia de Swift de que se valeu, mais próximo das abelhas que iam buscar o mel do conhecimento na multiplicidade da natureza das obras, do que das aranhas, que tecem a sua escolástica a partir de suas próprias barrigas. Metabolizou e desvendou, deste modo, o alcance da genuína pluralidade de seus interesses com o poder de uma inteligência superiormente abrangente, que foi, desde muito jovem, aparelhada para uma erudição excepcional que o tempo sedimentou e continuamente ampliou com o rigor e a disciplina do mais alto padrão universitário.

José Guilherme escrevia “aquém do jargão” e “além do chavão”, mesclando uma arte e um conhecimento que exprimia no seu texto a virtuosidade da vivacidade do seu espírito – espírito ao qual não faltava nem o tempero da

mordacidade travessa, que o gosto da polêmica podia tornar contundente, nem, paradoxalmente, a serenidade do liberal neoiluminista da sua madura visão quarentona.

A crítica das ideias pode levar à leitura de obras, autores e períodos que ora são mais “a favor”, ora são mais “contra”. No percurso de José Guilherme a dimensão do “contracrítico” prepondera, por exemplo, nos livros em que tratou de Michel Foucault, do marxismo ocidental e do estruturalismo. *O Liberalismo – antigo e moderno*, cujas provas ele reviu, mas que foi publicado postumamente, é, no meu entender, no campo da crítica das ideias, a obra mais equilibrada e madura da sua fecunda e instigante trajetória intelectual.

No pluralismo um tanto centrífugo da doutrina liberal e nas várias vertentes da liberdade que contempla, encontrou José Guilherme uma visão das coisas e do mundo que se ajustava à multiplicidade das suas curiosidades intelectuais e da sua personalidade. Fez, assim, no seu livro, uma leitura “a favor”, mas crítica, pois existem liberalismos de harmonia e de dissonâncias, liberalismos conservadores e de inovação. Por isso cabe falar em liberalismos no plural e não no singular, como mostrou com excepcional acuidade analítica, explicando como uma só etiqueta uniformizadora não cobre adequadamente o que, no âmbito da família liberal, nas suas dimensões econômicas, políticas e jurídicas, une e diferencia os seus pensadores. Por exemplo, Kant e Adam Smith, Humboldt e Tocqueville, Benjamin Constant e Stuart Mill, Sarmiento e Mazzini, Herzen e Ortega y Gasset, Einaudi e Croce, Raymond Aron e Hayek, Bobbio e Karl Popper, John Rawls e Isaiah Berlin.

Neste livro sobre liberalismo, antigo e moderno, *virtu e fortuna* encontraram-se, dando a José Guilherme a oportunidade de, em função do tema, harmonizar os seus múltiplos talentos e, com alto senso de proporção, combinar a sua fulgurante capacidade de síntese e a sua arguta competência analítica. Destaco, neste campo, a importância que deu à obra de Bobbio e ao nexos que esta estabeleceu entre liberalismo e democracia, quando o empenho de igualdade está associado ao sentido do papel das instituições de liberdade.

A travessia, que não foi excludente, da crítica literária à crítica das ideias no percurso de José Guilherme se deu de maneira congruente pelos seus estudos sobre a legitimidade. Esta é, como dizia Guglielmo Ferrero, uma espécie de ponte entre o poder e o medo. Esta ponte resulta de uma construção da cultura e dos valores. Provém dos jogos e dos signos de cada época histórica, dos seus véus e das suas máscaras e se articula por meio da vigência sociocultural dos códigos de conduta.

Nos modos históricos de asserção da legitimidade, José Guilherme chamou a atenção para a novidade do modo tópico, que coloca em questão a concepção arquitetônica da ordem sociopolítica. O âmago do novo espírito de legitimação é centrífugo. Dá ênfase à validez dos direitos e valores reivindicados pelos localismos de situações específicas. Na fragmentação do mundo contemporâneo a percepção do modo tópico, explicitado por José Guilherme, é uma contribuição heurística para o entendimento de como é politicamente necessário, no plano interno e internacional, mediar a diversidade cultural e o conflito dos valores.

No livro dedicado ao tema da legitimidade em Rousseau e Weber, apontou José Guilherme que uma concepção subjetivista e fiduciária de legitimidade, baseada na crença dos governados e na credibilidade de uma reserva de poder dos governantes, prevalece nos paradigmas de Max Weber. Em contraposição, identificou em Rousseau uma concepção objetivista de legitimidade, cuja tônica encontra-se na autonomia do consentimento, como base da obrigação política. Uma concepção objetivista de legitimidade favorece a perspectiva *ex parte populi* e encontra espaço nas situações de poder nas quais a assimetria entre governantes e governados não é acentuada e existe margem de manobra.

Deste diálogo criativo com Weber e Rousseau extraiu José Guilherme consequências importantes para a ação diplomática brasileira que retêm plena atualidade. Com efeito, para o Brasil, que tem um interesse geral e real em participar na elaboração e na aplicação das regras formais e informais estruturadoras da ordem internacional, o relevante na agenda da discussão da legitimidade é o questionamento do *soft power* imobilizador da reserva de

poder dos grandes e a ênfase a ser dada ao consentimento dos muitos. No mundo contemporâneo aberto à multipolaridade existe espaço e margem de manobra diplomática para esta linha de atuação que tem sua matriz conceitual em Rousseau.

Concluo lembrando que José Guilherme enfrentou “a Indesejada das Gentes” de que fala o poema de Manuel Bandeira, com destemor. Com a coragem, que resulta do sentimento de suas próprias forças, não se valeu das “asas da prudência” para enfrentar “o medo da morte e o medo do depois da morte” articulado na poesia de Drummond, que ele estudou com tanta qualidade, como acaba de realçar o confrade Eduardo Portella com a sua autoridade de grande crítico. José Guilherme mostrou, ao lidar com a doença que o levou pouco antes de completar 50 anos, para evocar Montaigne, “que a firmeza na morte é, sem dúvida, a ação mais notável da vida”.

Petit Trianon – Doado pelo governo francês em 1923.
Sede da Academia Brasileira de Letras,
Av. Presidente Wilson, 203
Castelo – Rio de Janeiro – RJ



PATRONOS, FUNDADORES E MEMBROS EFETIVOS
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

(Fundada em 20 de julho de 1897)

As sessões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras realizaram-se na sala de redação da Revista Brasileira, fase III (1895-1899), sob a direção de José Veríssimo. Na primeira sessão, em 15 de dezembro de 1896, foi aclamado presidente Machado de Assis. Outras sessões realizaram-se na redação da Revista, na Travessa do Ouvidor, n.º 31, Rio de Janeiro. A primeira sessão plenária da Instituição realizou-se numa sala do Pedagogium, na Rua do Passeio, em 20 de julho de 1897.

CADEIRA	PATRONOS	FUNDADORES	MEMBROS EFETIVOS
01	Adelino Fontoura	Luís Murat	Ana Maria Machado
02	Álvares de Azevedo	Coelho Neto	Tarcísio Padilha
03	Artur de Oliveira	Filinto de Almeida	Carlos Heitor Cony
04	Basílio da Gama	Aluísio Azevedo	Carlos Nejar
05	Bernardo Guimarães	Raimundo Correia	José Murilo de Carvalho
06	Casimiro de Abreu	Teixeira de Melo	Cícero Sandroni
07	Castro Alves	Valentim Magalhães	Nelson Pereira dos Santos
08	Cláudio Manuel da Costa	Alberto de Oliveira	Cleonice Serôa da Motta Berardinelli
09	Domingos Gonçalves de Magalhães	Magalhães de Azeredo	Alberto da Costa e Silva
10	Evaristo da Veiga	Rui Barbosa	Lêdo Ivo
11	Fagundes Varela	Lúcio de Mendonça	Helio Jaguaribe
12	França Júnior	Urbano Duarte	Alfredo Bosi
13	Francisco Otaviano	Visconde de Taunay	Sergio Paulo Rouanet
14	Franklin Távora	Clóvis Beviláqua	Celso Lafer
15	Gonçalves Dias	Olavo Bilac	Marco Lucchesi
16	Gregório de Matos	Araripe Júnior	Lygia Fagundes Telles
17	Hipólito da Costa	Sílvio Romero	Affonso Arinos de Mello Franco
18	João Francisco Lisboa	José Veríssimo	Arnaldo Niskier
19	Joaquim Caetano	Alcindo Guanabara	Antonio Carlos Secchin
20	Joaquim Manuel de Macedo	Salvador de Mendonça	Murilo Melo Filho
21	Joaquim Serra	José do Patrocínio	Paulo Coelho
22	José Bonifácio, o Moço	Medeiros e Albuquerque	Ivo Pitanguy
23	José de Alencar	Machado de Assis	Luiz Paulo Horta
24	Júlio Ribeiro	Garcia Redondo	Sábato Magaldi
25	Junqueira Freire	Barão de Loreto	Alberto Venancio Filho
26	Laurindo Rabelo	Guimarães Passos	Marcos Vinícios Vilaça
27	Maciel Monteiro	Joaquim Nabuco	Eduardo Portella
28	Manuel Antônio de Almeida	Inglês de Sousa	Domício Proença Filho
29	Martins Pena	Artur Azevedo	Geraldo Holanda Cavalcanti
30	Pardal Mallet	Pedro Rabelo	Nélida Piñon
31	Pedro Luís	Luís Guimarães Júnior	Merval Pereira
32	Araújo Porto-Alegre	Carlos de Laet	Ariano Suassuna
33	Raul Pompéia	Domício da Gama	Evanildo Bechara
34	Sousa Caldas	J.M. Pereira da Silva	João Ubaldo Ribeiro
35	Tavares Bastos	Rodrigo Octavio	Candido Mendes de Almeida
36	Teófilo Dias	Afonso Celso	João de Scantimburgo
37	Tomás Antônio Gonzaga	Silva Ramos	Ivan Junqueira
38	Tobías Barreto	Graça Aranha	José Sarney
39	F.A. de Varnhagen	Oliveira Lima	Marco Maciel
40	Visconde do Rio Branco	Eduardo Prado	Evaristo de Moraes Filho

COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 12/16 PT; CITAÇÕES, 10.5/16 PT

